



Um teatro no Estudo Acompanhado?

Helena Rodrigues
Isabel Paula

Quando em Setembro de 2002 se iniciou a generalização da reorganização curricular na nossa escola, as dúvidas referentes às novas áreas eram muitas.

Em particular no Estudo Acompanhado, sabíamos o que não queríamos—uma área fechada, isolada dos outros saberes, para fazer TPCs ou fichas de resposta fechada—, mas não aquilo que queríamos.

Fomos fazendo a caracterização dos alunos da turma, relativamente a alguns aspectos, embora já fossem nossos do anterior 5º ano de escolaridade. Consultámos alguns manuais, mas sem os seguir de forma rígida. Foi a partir da reunião intercalar para o estabelecimento do Projecto Curricular de Turma, que foi definido que a nossa prioridade, nesta área, seria a realização de tarefas que desenvolvessem as competências transversais, tratamento de informação e sociabilidade.

Durante o 2º período, foi proposto aos alunos um texto, que contava uma estória adaptada da obra *O Diabo dos Números*, acerca dos números racionais, para identificação das ideias

principais e estrutura analítica de um texto.

Os alunos foram lendo personificadamente o texto, discutiu-se, analisou-se e no final, o comentário na ficha de auto-avaliação foi “*Gostei muito*”, “*Podíamos fazer um teatro*”...

A professora Helena disse-lhes que o teatro fazia parte do programa do 6º ano, que se poderia pensar nisso lá mais para o fim do ano e sobretudo “*se se portassem bem*”...

O tempo foi passando e os alunos começaram a perguntar pelo teatro, até porque tinham ido assistir à apresentação da peça *Ulisses*, no teatro D. Maria II.

A professora Helena sugeriu que fossem adaptadas duas estórias da obra, porque de outro modo não existiam personagens para os 28 alunos da turma. Essa tarefa coube à professora Isabel, que escolheu a que referia as regularidades com números inteiros e potências e os números racionais.

Procedemos então, já no 3º Período, à preparação da peça.

Os alunos leram individualmente as

adaptações e estavam responsabilizados por criar mais personagens, adequados às estórias.

A distribuição dos papéis foi sendo registada pela professora Helena no quadro, existindo em cada uma delas um Roberto, um Diabo e um diabinho, à maneira dos textos vicentinos, que era o ajudante do Diabo. As alunas que frequentavam uma escola de dança construíram uma coreografia, os outros alunos deviam criar mais personagens.

Surgiu assim o Zero, como personagem elaborada por um aluno:

Diabinho—Falta o zero.

Diabo—Tiraste-me as palavras da boca!

Zero—Aleluia! Lembraram-se de mim! Claro que aqui o “JE” não podia ficar esquecido!

Diabinho—Já repararam que em todos aqueles mosquitos e traças não há um único zero?

Roberto—Mas porquê?

Zero—Porque eu fui o último número que os homens inventaram e sou o mais refinado de todos! Percebes? O melhor!

.....

E na regularidade das potências de 5

Diabo—Faço o cinco pular!

Roberto—Que giro, acaba sempre em cinco!

Zero—E se for com dez ainda é mais fácil! ... Sou belo! Os cinco dos velhos romanos ficavam sempre cinco porque os romanos não sabiam pular ... Só não podes dividir por mim. Como sou importante e diferente!

Os contributos dos alunos foram corrigidos na forma gramatical e ortográfica pela professora Helena e passámos à dramatização da peça.

Todos os alunos deram sugestões "eu posso trazer lençóis brancos para o coro", "eu vou buscar canas para as lanças dos diabos e diabinhos", "eu trago o gravador e encarrego-me da música", etc.

Aproximava-se o final do ano e o entusiasmo era grande.

Começámos os ensaios, era necessário memorizarem os textos, estarem atentos às deixas, elaborar cartazes para as regularidades.

O espectáculo, apresentado aos Encarregados de Educação no final do ano, constituiu um momento de alegria para os alunos, professoras e para todos os que assistiram.

Mas que ligação existiu afinal com as disciplinas?

Relativamente à Língua Portuguesa

Os alunos tinham que transformar os textos narrativos em dramáticos.

Ter atenção às formas verbais, ortografia e sintaxe.

Construir personagens, diálogos e argumentos.

Relativamente à Matemática

Os alunos na sala de aula estavam a estudar as potências de números racionais.

Numa tabela tinham que calcular, recorrendo à calculadora, e explicar o que viam:

$$4^2 = \quad 0,4^2 =$$

$$4^3 = \quad 0,4^3 =$$

$$4^4 = \quad 0,4^4 =$$

$$4^5 = \quad 0,4^5 =$$

Alguns alunos referiram que a parte decimal era idêntica à inteira, outros que o algarismo final era sempre 4 e 6. Ficaram inicialmente pelo observar.

Foram então desafiados a escolher outros pares de números e explicar o que estava a suceder.

Uns escolheram 2 e 0,2, outros 5 e 0,5, etc. Mas nada surgia de novo, até que o João disse:

— Já vi, o número de casas decimais é o mesmo do expoente da potência. Diabolicamente falando, isto vem dos pulos. Como estamos sempre a multiplicar pelo mesmo número, vai-se somando o número de casas decimais.

Os restantes colegas perceberam lindamente a regularidade e o raciocínio do colega.

A peça de teatro constituiu um contexto favorável ao desenvolvimento da observação e a outra forma de ver o carácter abstracto das regularidades numéricas.

Conclusão

O trabalho que desenvolvemos esteve sempre em ligação com as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, e não o estabelecimento de uma outra disciplina, com um programa próprio, assente na *fichomania* e desligada dos alunos.

Partimos da noção de transversalidade, assente em competências definidas no Conselho de Turma e trabalhámo-las num contexto próprio, em que os alunos desempenharam o papel de construtores, sendo elementos importantes na comunidade.

Vários alunos interessaram-se pela obra e requisitaram-na na Biblioteca da escola, para a lerem toda, outros aproveitaram a Feira do Livro, em Lisboa, para a adquirirem, numa clara evidência de interesse pela leitura e pelo aprofundamento de assuntos matemáticos, isto é, desenvolvendo como competências modos personalizados de estudo e trabalho e curiosidade e gosto pelo saber.

O significado de texto dramático e de regularidades foi aprendido de uma forma significativa, ligando-se aspectos cognitivos e afectivos.

E finalmente, também a nós professoras deu muito gozo ir na onda deste trabalho, construindo-o com os alunos, sendo elementos dinamizadores e integradores desta aprendizagem. Nunca houve indisciplina ou atitudes incorrectas pelo facto de estarmos mais próximas deles.

Bibliografia

- Abrantes e al. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. DFB.
Enzensberger, H. M. (1998). *O Diabo dos Números*. Asa.

Helena Rodrigues
Isabel Paula

Escola Conde de Oeiras 2º e 3º ciclos

